

LIÇÃO 31 — JUÍZO FINAL SIGNIFICADO TEOLÓGICO E MISSIOLÓGICO ¹

1) INTRODUÇÃO

- a) Quais as implicações do juízo final para a nossa vida cristã e nossa missão?

2) SIGNIFICADO TEOLÓGICO

- a) O juízo final mostra a perfeita justiça de Deus: o juízo final é indispensável

i) Para afirmar que cremos em um Deus justo:

(1) se um juiz faz vista grossa à injustiça, ele não é justo, mas corrupto. Deus é amoroso e perfeitamente justo.

(2) O sacrifício de Jesus demonstra o amor e a justiça de Deus; “Deus amou o mundo de tal maneira que enviou seu Filho unigênito” (Jo 3.16); Deus não fez vista grossa para o pecado humano; o sacrifício de Jesus é a base para a justiça de Deus, por meio do qual ele se torna “justo e justificador” (Rm 2.35).

(3) Há uma relação entre justiça de Deus, justificação pela fé e justiça dos homens: se não cremos que Deus é justo, por que lutaríamos pela justiça? Se tudo vai acabar bem para todos, bons e maus, qual o sentido da justiça de Deus?

(4) A justiça não se realiza plenamente nesse mundo, mas na justiça de Deus.

ii) Para afirmar que o universo tem um fundamento ético: o mundo moderno tende a crer que não existe certo e errado, bem e mal; mas o mundo de Deus tem um fundamento na verdade, no certo e na justiça.

- b) O juízo final requer responsabilidade diante de Deus:

i) Responsabilidade individual: implica que o homem responde a Deus (presta contas) pelas boas e pelas más obras; pelas palavras boas ou más;

ii) Palavra de Deus: a palavra de Deus é instrumento de juízo (Hebreus 4.12-13) —

(1) Ortodoxia (reta doutrina): a palavra escrita (Bíblia) — “a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração” (v. 12);

(2) Ortopraxis (reta resposta a Deus): a palavra de Deus em Cristo nos ‘desnuda’ diante de Deus: “E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar” (v. 13).

iii) “Cada encontro com a Palavra é uma antecipação do juízo final. Este é o sentido do juízo em cada momento de nossa existência e culmina no juízo final” (Stam, p. 70).

iv) 95 teses de Lutero: a primeira tese significa viver um contínuo arrependimento e uma constante conversão: “Ao dizer: ‘Arrependei-vos’ (Mt 4.17), o nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos fiéis fosse penitência.”

v) Ouvir e fé: o cristão ouve a palavra de Deus e responde com fé prática, com sua vida, conduta e palavras (Mt 5.37; 12.36,37; 15.11; Tg 3.1-12).

- c) O juízo final é a hora da vitória: 3 aspectos

i) Vitória definitiva da justiça: os que buscam justiça não ficarão decepcionados; “bem aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão fartos” (Mt 5.6);

ii) Vitória da verdade: “não há coisa oculta que não haja de manifestar-se, nem escondida que não haja de saber-se e vir à luz” (Lc 8.17); o juízo será a hora da verdade; andar atrás do que é falso é uma causa perdida; a mentira será derrotada; os cristãos devem viver na verdade (na luz) em todas as esferas da sua vida.

iii) Vitória do amor eficaz (Mt 25.31-46): o amor vencerá o ódio e a indiferença; amor eficaz é o amor que age bem; “Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade” (1Jo 3.18); o amor tem mãos e pés; é ação e não palavras.

¹ Baseado no livro “Profecia bíblica e missão da igreja”, de Juan Stam, pp. 61-78.

d) O juízo final deve ser motivo para tolerância saudável entre nós:

- i) Todos pecaram e todos estão sob juízo; é a misericórdia de Deus que nos livra do juízo; portanto, todos devemos ser compassivos uns com os outros (Mt 7.1-2); Rm 14.4).
- ii) A doutrina do juízo final nos ensina que não somos juizes da conduta alheia.

3) SIGNIFICADO MISSIOLÓGICO

a) Evangelizem: Após falar do tribunal de Cristo, Paulo diz: “Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens à fé, mas somos manifestos a Deus; e espero que nas vossas consciências sejamos também manifestos” (2Co 5.11).

b) Evangelizem com amor: praticar boas obras; Jesus mandou ensinar “todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.20); a principal ordem de Jesus é “ame a Deus e o seu próximo”, e isto significa dar comida, água, vestes, etc.; evangelizar é ensinar a obedecer a Cristo; ‘guardar’ é o mesmo que obedecer.

c) Evangelizem com responsabilidade social:

i) Segundo Mateus 25.31ss, seremos julgados por nossa ação de amor ao próximo, então nossa evangelização deve incluir atenção às necessidades do próximo; a prática do amor não é um apêndice à evangelização, mas como parte essencial.

ii) Segundo 1Jo 2 – 3, há vínculo entre novo nascimento e prática da justiça —

(1) 2.29: “sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.”

(2) 3.7,10: “Filhinhos, ninguém vos engane. Quem pratica justiça é justo, assim como ele é justo [...] Nisto são manifestos os filhos de Deus, e os filhos do diabo. Qualquer que não pratica a justiça, e não ama a seu irmão, não é de Deus.”

(3) 16-18: “Conhecemos o amor nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos. Quem, pois, tiver bens do mundo, e vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade.”

iii) Quatro deduções: (Stam, p. 73)

(1) Todos os que fazem justiça nasceram de Deus (por menos religiosos que sejam)

(2) Todos os não fazem justiça não nasceram de Deus (por mais religiosos que sejam).

(3) Os que nasceram de Deus dão suas vidas pelos outros.

(4) Os que nasceram de Deus compartilham seus bens; se não são filhos de Deus.

iv) 1 João 2 – 3 e Mateus 25.31-46: João explica o que significa nascer de Deus; parece que nem todos que se dizem nascidos de Deus, de fato nasceram de Deus.

d) Advertência contra evangelização falsa, fácil e presunçosa:

i) Passagens como Mateus 25.31-46 e 1João 2 e 2 são uma séria advertência contra nós. Uma evangelização falsa pode produzir crentes que repetem “Senhor, Senhor” (Mt 7.21), mas que não se comprometem com a vontade de Deus, nem assumem as exigências do verdadeiro discipulado (tomar a cruz e se identificar com Jesus).

ii) Sermão do monte:

(1) 7.13ss: Jesus fala da prática; se não há prática de fé, não há fé nem evangelho. Jesus fala que a porta do Reino é estreita e o caminho apertado.

(2) 7.15-20: “pelos seus frutos os conhecereis” — critério dos frutos aprova/reprova;

(3) 7.21-23: eles tinham forma piedosa, mas suas obras eram más; estavam confiantes pela ação “em teu nome”; mas foram reprovados pela prática da impiedade.

(4) 7.24-29, parábola dos dois fundamentos: ouvir a palavra exige a resposta em forma de prática; a rocha firme é a prática da fé; é pela práxis que possuímos e confirmamos nossa fé; viver a fé é ser firme; não viver a fé é ser fraco.

4) PARA REFLETIR

a) Medo e amor: o que causa a maior motivação para as boas obras: o medo ou o amor?

b) Os adeptos de religiões não cristãs (ou cristãos não evangélicos) são zelosos de boas obras porque sua salvação depende disso. Será que o temor (medo) deles tem maior poder motivacional às boas obras do que o amor de Cristo em nós?